

A contribuição do budismo tibetano para a construção de uma nova percepção ambiental

The contribution of tibetan buddhism for the construction of a new environmental perception

Evandro de Oliveira

Graduado em Tecnologia em Gestão Ambiental. Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável. Doutorando pelo programa de pós-graduação interdisciplinar em ciências humanas - UFSC. Florianópolis, Brasil. Contato: evandro1oliveira@gmail.com

Resumo:

O artigo tem por finalidade expor algumas contribuições que o Budismo Tibetano pode oferecer para melhor se pensar a temática ambiental. Fica evidente que o budismo oferece diversos subsídios à problemática ambiental, mas não apenas isso, também desperta novas reflexões e questionamentos acerca do tema natureza e sociedade. Por fim é destacado, que ambas a doutrinas podem ser trabalhadas simultaneamente, gerando assim diversos benefícios a temática socioambiental.

Palavras-chave: Budismo tibetano. Natureza. Socioambiental.

Abstract:

The article aims to expose some contributions that Tibetan Buddhism can offer to better think about the environmental theme. It is evident that Buddhism offers several subsidies to the environmental problem, but not only that, it also arouses new reflections and questions about the theme of nature and society. Finally, it is highlighted that both doctrines can be worked simultaneously, thus generating several benefits to the socio-environmental theme.

Keywords: Tibetan Buddhism. Nature. Socio-environmental.

Introdução

A problemática ambiental começa a ganhar notoriedade mundial a partir da década de 1950, devido, principalmente, a alguns acidentes ambientais que chamaram a atenção do mundo pelo fato de terem causado grandes impactos socioambientais.

Diante disso, pesquisadores e cientistas voltaram-se ao tema meio ambiente propondo novos saberes, técnicas e tecnologias a fim de buscar soluções para determinados problemas ambientais. No entanto, segundo Leff¹, a crise ambiental é uma crise da razão, do pensamento, do

¹ LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental, e Diálogos de saberes. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, V 34. n.03, p. 17-23. Set/dez.2009. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9515/6720>> Acesso em: 22 maio. 2016.

conhecimento, em outras palavras, a maneira como o conhecimento é produzido pela ciência moderna, de maneira fracionada, que despreza os saberes populares e vendo a natureza como somente um objeto a ser explorado, tem como consequência graves problemas socioambientais presentes na sociedade. Para o autor, a crise ambiental não será aplacada mediante uma administração científica da natureza, mas, é necessário, que conhecimentos oriundos de diferentes povos, com suas distintas culturas, sejam valorizados e incluídos nos debates das questões socioambientais. Na mesma linha de raciocínio, Vieira² subentende que as dinâmicas ambientais só serão compreendidas sob a ótica de um pensamento complexo. Para se obter esse pensamento complexo, é necessário o diálogo entre diversas disciplinas científicas ou não científicas. Ideia compartilhada também por Leis³, que ressalta a necessidade da problemática ambiental nutrir-se de diversos saberes advindos desde a filosofia até a religião para melhor ser repensada.

Diante disso, torna-se preponderante que os pesquisadores que estudam o tema ambiental procurem nutrir-se de diversos saberes para realizarem novas reflexões em torno da questão ambiental. Nesse sentido, entende-se que culturas religiosas ou filosóficas também podem contribuir para se realizar uma melhor reflexão sobre o tema meio ambiente. Entende-se, que existam diversas tradições religiosas que cada uma a sua maneira, pode oferecer subsídios para melhor se refletir sobre o tema ambiental. No entanto, nesse artigo, optou-se por realizar uma reflexão em torno das contribuições advindas do budismo.

E é nessa premissa anteriormente enfatizada, que reside o propósito do artigo, que é destacar e explicar as possíveis contribuições que o Budismo pode trazer para melhor refletir sobre questões socioecológicas. Dentre as várias ramificações do budismo, escolheu-se para a realização deste texto trabalhar com a vertente do budismo tibetano. Essa escolha deve-se ao fato de compreender-se que esta ramificação do budismo é uma das que mais pode contribuir para se refletir sobre a temática ambiental. Outro fator, é que dentre as obras do autor Gyatso⁴ (o décimo quarto Dalai Lama)⁵ é ressaltada a importância de proteger o meio ambiente, pois a proteção do mesmo implica em nossa própria sobrevivência. Ou seja, nota-se uma preocupação do décimo quarto Dalai Lama com relação às questões socioambientais.

² VIEIRA, P. H. F. Do Desenvolvimento local ao Ecodesenvolvimento territorial. *Interthesis*. Florianópolis. v. 10. n. 02. p. 119-141, out/nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n2p119>> Acesso em: 5 mar. 2016.

³ LEIS, H. R. *A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. 3. ed. São Paulo. Annablume, 2014. 238p.

⁴ GYATSO, T. *O Mundo do Budismo Tibetano: uma visão geral de sua filosofia e prática*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2001. 270p.

⁵ O Dalai Lama é o título de uma linhagem de líderes religiosos da escola Nyingma do budismo tibetano.

O trabalho está assim estruturado: primeiramente explicar-se-á de forma resumida a origem histórica do budismo e do budismo tibetano; na sequência se enfatizará os subsídios que o budismo tibetano pode oferecer para que novas reflexões socioambientais sejam realizadas; e para concluir o artigo, são feitas algumas considerações finais.

Considerações sobre a origem do budismo

Gyatso⁶, explica que Buda nasceu na Índia. Entretanto, o mesmo elucida que existem três datas diferentes sobre o nascimento de Buda. Para alguns budistas, Buda nasceu há mais ou menos 2.500 anos. Para outros, o nascimento de Siddhārtha Gautama (o buda antes da iluminação) ocorreu há três mil anos e outros ressaltam que este fato aconteceu no século VIII antes da era cristã.

Apesar destas disparidades com relação ao ano do nascimento de Buda, acontecimentos na vida do mesmo são em geral bastante coerentes entre os budistas. Originalmente Buda era uma pessoa comum, nascido em uma família nobre com esposa e filho. Em determinado momento entrou em contato com pessoas atormentadas por doenças, velhice e morte, com isso Siddhārtha Gautama abandonou a vida luxuosa e adotou um estilo de vida radicalmente diferente, peregrinando e fazendo grandes pertinências físicas como asceta. Contudo, alguns anos mais tarde, ele percebeu que esse não era o caminho para se libertar do sofrimento. Buda teve a percepção que o verdadeiro caminho estava no meio termo, ou seja, entre os extremos do ascetismo estrito e do fausto auto indulgente. Após isso, Gautama continuou sua busca espiritual até alcançar o pleno despertar ou a iluminação: a condição de Buda⁷.

Depois de ter atingido a iluminação, Buda ficou calado por 49 dias. Sua primeira fala pública foi para cinco ascetas que haviam sido seus colegas antes de Buda largar esse modo de vida. Essa preleção para os cinco ascetas aconteceu no Parque das Gazelas, em Sarnath⁸.

Após esse acontecimento, Buda viveu por 40 anos ensinando o Dharma (a verdade). Aos 80 anos Buda morreu em Kusinara, seu corpo foi queimado sete dias depois. Buda deixou cerca de oitenta e quatro mil ensinamentos que constituem o Dharma.⁹

Com a morte de Buda, seus ensinamentos começaram a ser espalhados por seus discípulos. Uma característica dos budistas era que eles se opuseram a muitas características do Bramanismo (outra religião existente na Índia). Um importante fato ocorreu quando o imperador Ashoka tornou-

⁶ GYATSO, 2001.

⁷ GYATSO, 2001.

⁸ GYATSO, 2001.

⁹ REDYSON, D. Budismo: Da Índia para o mundo. O Buddha, o dharmae a sangha. *Revista de estudos da religião*. V, 14. n.01.jan/jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/20284/15060>> Acesso em: 23 maio. 2016.

se um poderoso patrono do Budismo. Ele proibiu o sacrifício de animais, que era um ato religioso muito importante para o Bramanismo. Com isso, os brâmanes perceberam que o budismo se constituía como uma ameaça a sua religião.¹⁰

Sob o reinado de Ashoka, o Budismo se difundiu por toda a Índia e também para fora de suas fronteiras. Porém com o fim da dinastia Ashoka, o budismo sofreu uma onda feroz de perseguições tramadas principalmente pelos brâmanes. Os reis hindus perseguiram de forma tão feroz os budistas, que na segunda metade do primeiro milênio o budismo já tinha quase desaparecido da Índia.¹¹ Apesar do ter quase desaparecido na Índia, outros países como China, Japão e Tibete aderiram e perpetuaram essa religião.

Segundo Redyson¹², o Budismo iniciou no Tibete durante o império do 37º rei tibetano, chamado de Srong-Tsen-Gampo. Esse rei casou-se com esposas que praticavam o Budismo e decidiu aderir à religião. O mesmo passou a construir diversos templos budistas e enviou à Índia um de seus conselheiros para aprender a língua sânscrita. Ao retornar, esse conselheiro escreveu diversos tratados sobre o budismo indiano que foram os primeiros instrumentos de estudos no Tibete.

Na atualidade existem quatro escolas budistas no Tibete, cada uma com suas características e lideranças próprias, são elas: Gelug, Kagyu, Sakya e a mais antiga Nyingma, da sua santidade Dalai Lama.¹³

Budismo tibetano e a temática ambiental

Para realizar algumas reflexões entre budismo tibetano e o tema ambiental, se utilizará duas obras de Tenzin Gyatso (o décimo quarto Dalai Lama), que são: O Mundo do Budismo Tibetano: uma visão geral de sua filosofia e prática (2001); Dalai Lama: sobre o budismo e a paz de espírito (2002).

Para iniciar as reflexões em torno do budismo e da questão ambiental, é preponderante começar pela ética do budismo tibetano. A ética dessa doutrina está centrada principalmente no requisito de não causar mal a outros seres. Além disso, viver uma vida eticamente correta é imprescindível para quem deseja obter um renascimento favorável. Com isso, pode-se estabelecer

¹⁰ SCHMIDT-LEUKEL, P. Facetas da relação entre Budismo e Hinduísmo. Entrevista a Frank Usarski Tradução de Carlos Roberto Sendas Ribeiro. *Revista de Estudos da Religião*, setembro / 2007 / pp. 149-156. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2007/f_usarski2.pdf> Acesso em: 22 jul. 2016.

¹¹ SCHMIDT-LEUKEL, 2007.

¹² REDYSON, 2014.

¹³ REDYSON, 2014.

uma ligação com o pensamento de Siqueira¹⁴; este autor destaca que a ética ambiental tem como produto uma gama de padrões e princípios comportamentais que visam melhorar a interação entre os atores sociais, e destes com o meio ambiente. Essa perspectiva da ética ambiental de melhorar as relações do ser humano com o ambiente e também entre as próprias pessoas, pode obter ajuda no princípio budista de não realização do mal, pois a partir do momento em que não desejamos mal a nenhum ser vivo, estabelecer ligações fortuitas e duradouras torna-se mais fácil e compensador.

Conforme Gyatso¹⁵, para os praticantes do budismo é fundamental que cada um avalie suas atitudes e ações. De acordo com ele, essa avaliação diária dos pensamentos, motivações e dos comportamentos práticos, propiciam que os atores identifiquem neles mesmos aspectos de mudanças e melhorias. Essa premissa pode ser de grande ajuda no processo de educação ambiental, pois Jacobi¹⁶ explica que a educação ambiental pode ser entendida como toda ação educativa que contribui para a formação de cidadãos conscientes da preservação do meio ambiente e aptos a tomar decisões coletivas e individuais sobre a preservação ambiental. Dessa forma, pode-se criar possibilidades para ocorrer o desenvolvimento de uma sociedade sustentável. Se esse ato educativo utilizar a ideia de um exame frequente de nossas ações com relação a fatores socioambientais, os atores sociais certamente estarão contribuindo para a preservação do meio ambiente.

Uma característica do budismo tibetano é a conduta da não-violência para com os outros seres vivos¹⁷. Pode-se ver essa característica em algumas ONGs ambientalistas (Greenpeace, por exemplo) que apesar de realizarem ações diretas, partem do princípio da não-violência¹⁸. Esse caráter presente tanto no Budismo como em algumas ONGs ambientalistas reflete uma conexão entre o Budismo e o ambientalismo, o que reforça ainda mais a necessidade de traçar ligações entre ambas as doutrinas.

Atualmente, o alto consumismo é um dos principais fatores de degradação socioambiental, pois além desse consumo exacerbado gerar milhões de toneladas de lixo causando diversos impactos socioambientais, ele também requer a utilização de um número muito alto de recursos naturais. A exploração desenfreada de recursos do meio ambiente provoca danos irreparáveis. Além disso, para se manter o padrão de consumo, muitos recursos não renováveis são utilizados na fabricação de produtos e bens, assim como também tecnologias e técnicas que causam prejuízos

¹⁴ SIQUEIRA, J. C. *Ética e Meio Ambiente*. 2º. ed. São Paulo. Loyola. 2002.

¹⁵ GYATSO, 2001.

¹⁶ JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, completo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. V 31. n. 02, p. 233-250. Maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>> Acesso em: 24 de maio. 2016.

¹⁷ GYATSO, 2001.

¹⁸ LEIS, 2014.

ambientais. Beck¹⁹ ressalta outra consequência provinda da fabricação de produtos para o consumo, que são os riscos socioambientais invisíveis, que estão por toda a parte, desde do alimento que comemos até a roupa que usamos, por isso Beck denomina nossa sociedade como “Sociedade de Risco”. Portanto, são diversas as consequências socioambientais geradas pelo consumismo, e a pergunta é: se o consumo excessivo causa tantos danos ambientais e sociais, porque a maioria das pessoas continua praticando esse ato? Uma das possíveis respostas a essa pergunta pode ser encontrada no Budismo.

O budismo tibetano chama a atenção para a questão da felicidade e do sofrimento. O sofrimento é um profundo estado de insatisfação, talvez associado à dor física, mas antes de tudo é uma experiência do espírito. O que as pessoas objetivam é superar o sofrimento e alcançar a felicidade, isso é algo intrínseco aos seres humanos, não precisa de justificativa para existir. Apesar disso, ambos os sentimentos não advêm do nada, tanto a felicidade como o sofrimento são provindos de causas e condições²⁰.

Essa ótica Budista ajuda a compreender o consumismo existente em nossa sociedade, pois esse comportamento que é altamente impulsionado pelo capitalismo (compre um carro novo e seja mais feliz!), possui a peculiaridade de causar tanto a felicidade como tristeza e sofrimento. A satisfação e a felicidade residem no ato da pessoa adquirir um novo bem, ou seja, quantos mais bens o indivíduo tiver e quanto mais ele puder adquirir, mais feliz ele será. Mas se o contrário acontecer, e o ator social não tiver poder aquisitivo para comprar novos bens, a tristeza e o sofrimento chegam até ele (isso de acordo com os padrões culturais que a sociedade consumista estabelece).

Pode-se até mesmo inferir que muitas pessoas que praticam a corrupção, o roubo e o tráfico tem por propósito a aquisição de mais dinheiro com o objetivo de comprar mais bens, ou seja, as ações dessas pessoas causam grande sofrimento não apenas para elas mesmas, mas para grande parte da população, que de forma direta ou indireta sofrem com as consequências destes atos.

Os objetivos corriqueiros da existência – o poder, as posses, os prazeres dos sentidos, a fama – podem proporcionar satisfações momentâneas, mas nunca são fontes de satisfação permanente e, cedo ou tarde, transformam-se em descontentamento, e novos bens serão buscados para compensar o vazio interior. Essas atividades (corrupção, tráfico, etc.) acabam tomando a atenção do Estado que procura solucioná-las em primeiro lugar, deixando o meio ambiente de lado. Outro fator importante a ser enfatizado, é que muitos bens são transformados em necessidades

¹⁹ BECK, U. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo. Editora 34. 2011. 2. ed. 384p.

²⁰ GYATSO, 2001.

sociais, o que aumenta ainda mais o sofrimento e tristeza de quem não pode adquiri-los. Em suma, o consumo é simultaneamente a causa da felicidade e do sofrimento.

Apesar disso, Gyatso²¹ ressalta algumas ideias para superar esse sofrimento. Uma delas é ver o mesmo como uma doença, ninguém gosta de ficar doente, com isso, a partir do momento em que o ator vê a tristeza e o sofrimento como doença, ele irá procurar a cura. Diante disso, se justifica ainda mais uma ligação entre Budismo e educação ambiental. Pois ambos atuando juntos, permitirão compreender que o consumismo é umas das causas do sofrimento humano e da destruição ambiental, mas que essa compreensão só é atingida quando as pessoas tiverem a consciência de que a felicidade permanente não se encontra em objetos, posses e poder, mas no equilíbrio entre o humano e a natureza.

Um dos métodos para curar essa doença (o sofrimento) são as quatro nobres verdades explicadas por Buda, são elas: o reconhecimento efetivo do sofrimento, o abandono efetivo da origem do sofrimento, a concretização efetiva da cessação do sofrimento e a efetiva realização do caminho que leva a tal cessação. Outro aspecto que também auxilia a diminuir o sofrimento é explicado por Gyatso²², ele destaca “Para ganhar um benefício melhor ou maior, você sacrifica um menor”.

Em resumo, pode-se sacrificar uma felicidade passageira, como comprar alguma coisa, e obter uma felicidade maior, que para o Budismo seria o estado de iluminação, mas para outros cidadãos pode ser outras coisas (família, amigos, etc.) mais importantes na vida do que simplesmente adquirir um bem. O desenvolvimento material, sem o desenvolvimento espiritual só pode conduzir ao mal-estar que se conhece. Em uma sociedade baseada na educação da sabedoria, as orientações são muito diferentes. Uma está centrada no “ter” e a outra no “ser”.

O budismo tibetano pauta-se também sobre a questão moral. Gyatso²³ respalda dez ações consideradas nocivas e que os budistas não devem praticá-las, são elas: matar, roubar, comportamento sexual impróprio, mentir, discórdia, palavras ásperas, palavras vãs, cobiça, má intenção e visão errônea. Entre todas elas, algumas se não forem praticadas pelas pessoas podem contribuir para o meio ambiente, a destacar: evitar tirar intencionalmente a vida de qualquer ser vivo - a partir do momento que os atores incorporarem isso, a “vida ambiental” será bem mais preservada. A má intenção, em outras palavras, o desejo de maltratar os semelhantes.

Esse aspecto se reflete principalmente nas questões culturais. A falta de respeito a outras culturas (indígenas, africana etc.) e o desejo, muitas vezes, de extingui-las é algo com que se

²¹ GYATSO, T. *Dalai Lama: sobre o budismo e a paz de espírito*. Rio de Janeiro. Nova Era. 2002. 300p.

²² GYATSO, 2002, p. 25.

²³ GYATSO, 2001.

convive na sociedade. Essas culturas não ocidentais, geralmente possuem saberes sobre meios ecológicos que a cultura ocidental não tem. Esses saberes são essenciais para construir uma sociedade mais sustentável. O descaso para com essas culturas, o desejo de extingui-las implica na perda de conhecimentos preciosos sobre o meio ambiente.

Na atualidade, no sistema capitalista, a economia é soberana em nossa sociedade, ou seja, tudo é gerido pela economia. O crescimento econômico infinito precisa de recursos naturais também infinitos, mas é evidente que vive-se em um planeta de recursos finitos, ou seja, “a conta não fecha”. Inúmeros ambientalistas e economistas já denunciaram e continuam a afirmar que o planeta não se sustenta com esse sistema de consumo, a destacar por exemplo o economista Herman E. Daly, que defende uma economia estacionária, ou Georgescu-Roegen que parte da doutrina de decrescimento da economia. Apesar destas denúncias, grande parte da população, empresários e políticos ignoram esses avisos.

Dessa maneira surge um questionamento, se o planeta Terra não tem recursos para manter um crescimento econômico infinito, porque grande parte da população mundial simplesmente ignora esse fator? Uma das possíveis respostas pode ser encontrada no Budismo. De acordo com Gyatso²⁴, Buda ensinou que a natureza humana é insatisfatória, e que essa insatisfação é a causa de alguns sofrimentos e dores. Essa insatisfação salientada por Buda, se reflete na economia, no qual é evidente quando se trata de manter o crescimento econômico, mesmo com a percepção de que isso não será possível. Dessa forma, se está sempre insatisfeito com a economia, e a mesma sempre precisa crescer mais para se poder encontrar “alguma” satisfação. A civilização ocidental acredita no progresso, sendo a “novidade” o valor mais prezado.

Outros princípios ensinados pelo budismo são encontrados nas quatro confianças. Segundo Gyatso²⁵ eles servem para se analisar determinadas doutrinas. Os princípios são:

1- Não confie na pessoa, confie na doutrina; 2-Sobre a doutrina, não confie nas palavras, confie no significado; 3-Sobre o significado, não confie no significado sujeito à interpretação, confie no significado definitivo; 4-Sobre o significado definitivo, não confie na consciência comum, confie na sabedoria exaltada.²⁶

Dentre esses quatro princípios, entende-se que um deles pode ser utilizado para se pensar o tema ambiental, que é o primeiro: confiar na doutrina e não na pessoa. Essa concepção é importante pois muitos cientistas e pesquisadores que acabam ganhando certa notoriedade no âmbito de pesquisas sobre questões socioambientais, terminam realizando discursos científicos

²⁴ GYATSO, 2001.

²⁵ GYATSO, 2002.

²⁶ GYATSO, 2002, p. 22.

defendendo as grandes empresas. Esses discursos geralmente são realizados não porque em suas pesquisas os resultados obtidos demonstram que essas empresas estão preservando o meio ambiente ou algo parecido. No entanto, esses pesquisadores são pagos pelas grandes empresas para efetuarem suas pesquisas, portanto é obvio que os resultados serão conforme convém às empresas. Um exemplo disso são os cientistas que defendem o uso de agrotóxicos na agricultura. Esse assunto já foi amplamente estudado e comprovado que esses produtos acabam gerando muitos danos tanto ao meio ambiente quanto aos agricultores e consumidores, mas muitos cientistas ainda respaldam que o uso desses produtos na agricultura não gera nenhum tipo de dano a saúde humana ou ao meio ambiente.

Na modernidade, o apego que os seres humanos possuem em relação a objetos materiais (carros, celulares, roupas de grife, etc.) chega a ser maior do que o apego em relação a outras pessoas. No entanto Gyatso²⁷ salienta que esse apego pode ser superado através da meditação. Para ele, essa técnica produz um efeito libertador. A partir disso, compreende-se que com menos apego a coisas materiais, haverá menor consumo, e, portanto, menos impactos ao meio ambiente.

O desenvolvimento espiritual é algo importante para os praticantes do Budismo. Segundo Gyatso²⁸ o desenvolvimento espiritual é tão importante quanto o progresso científico, pois não se pode perder o sentido do valor humano em prol das questões científicas. Se isso acontecer, para o autor, é muito perigoso, pois a ciência deve ter por objetivo beneficiar a humanidade. Contudo, muitas áreas da ciência já não trabalham em benefício do valor humano, mas sim do valor monetário. Esse tipo de pesquisa já resultou em diversos impactos socioambientais. Além disso, a questão espiritual não é valorizada pela maioria dos cientistas na atualidade.

A ignorância é outra não-virtude que deve ser eliminada segundo a ótica do Budismo. Todavia, a ignorância para essa doutrina não seria apenas a falta do conhecimento, mas seria, também, a apreensão equivocada, o conhecimento superficial e equivocado²⁹. Essa ideia chama a atenção para o fato que muitos saberes sobre o meio ambiente são equivocados, no entanto, a ilusão de que esses conhecimentos são verdadeiros faz com que eles sejam aplicados na sociedade, tendo por consequência danos sociais e ambientais. Nesse sentido, é de grande magnitude acabar ou diminuir essa ignorância.

A mudança no pensamento e conseqüentemente uma mutação das ações, são duas finalidades do Budismo. Essas mutabilidades são alcançadas através de técnicas como meditação e

²⁷ GYATSO, 2001.

²⁸ GYATSO, 2002.

²⁹ GYATSO, 2001.

yoga. Leff³⁰ já alertou que a crise ambiental contemporânea é uma crise da razão, do pensamento. Se a crise socioambiental provém do nosso modo de pensar, e ao mesmo tempo o Budismo propõe uma transformação no pensamento, é notório que a ótica budista pode contribuir nesse aspecto.

Na ótica de Gyatso³¹, a superação da identidade do ego é outro tema estudado pelos praticantes do budismo. Esse desapego do ego tem a função de no lugar do ego ser construído o altruísmo. A questão do individualismo, do ego, do pensar somente em si mesmo é uma característica muito presente no homem ocidental. Isso é nítido quando se trata do meio ambiente, pois geralmente, grande parte das pessoas só se importam com essa questão quando a problema ambiental as afeta diretamente. Se acaso isso não acontece, os atores não darão atenção a essa temática. Com isso, é importante que ocorra essa superação do ego, e que o ser humano comece a pensar mais no ambiente ao seu redor.

Juntamente com a superação do individualismo, a filosofia Budista ressalta a construção da compaixão e do altruísmo. Na percepção de Gyatso³², o mundo está precisando de mais altruísmo, compaixão e amor, pois essas virtudes são as chaves para o desenvolvimento humano. Em contrapartida, Sachs³³ defende um desenvolvimento que seja incluyente, sustentável e sustentado, com a geração de empregos que garantam a inclusão da massa pobre da população e ao mesmo tempo seja sustentável e sustentado tanto sob a ótica social e ambiental, podendo garantir às gerações presentes e futuras condições necessárias para ter uma vida digna. Entende-se que o desenvolvimento social (geração de emprego e renda) é importante, mas concomitantemente é essencial o desenvolvimento humano proposto por Gyatso, pois uma sociedade que objetiva ser ambientalmente sustentável e socialmente justa, além de emprego e renda, também precisa de amor, compaixão e altruísmo.

Essa pauta de amor e meio ambiente também é defendido pelo autor Leis. Para esse autor, a re-ligação entre humanos e natureza não será feita pela política nem pela ciência, mas sim pelo amor. É apenas no amor que se pode encontrar um meio para estabelecer vínculos do homem para com o homem, e deste para com a natureza. Além disso, Leis³⁴ parte da premissa que essa crise ambiental deixa notório o vazio ético e religioso da modernidade. A partir disso, é imprescindível a criação de meios que envolvam os seres humanos moralmente e espiritualmente com a natureza, e

³⁰ LEFF, 2009.

³¹ GYATSO, 2001.

³² GYATSO, 2002.

³³ SACHS, I. *Desenvolvimento Incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro. Garamond, 2004. 151 p.

³⁴ LEIS, H. R. Meio Ambiente, ética e religião na sociedade contemporânea. *Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente*. Porto Velho, V.03, n.15, p.01-12. 1999. Disponível em: <http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/15hectorricardoleis_meioambienteeticaereligiaonasociedadecontemporanea.pdf> Acesso em: 22 jul. 2016.

isso pode ser feito por uma ética ambiental que tenha como elemento primordial também o amor. Nota-se a importância que Leis atribui ao amor para a ética ambiental e para uma nova conexão entre homem e meio ambiente. O autor define amor como, “o amor é entendido como relacionamento gratuito com e entre os seres humanos e não-humanos para que cada um deles realize sua finalidade em liberdade”.³⁵ O amor tem o poder de despertar a cooperação entre os seres humanos, e não apenas isso, o *ethos* amoroso ajudaria a superar os conflitos oriundos de diferenças identitárias e os antagonismos dos distintos interesses materiais³⁶.

Ainda com relação ao altruísmo, compaixão e amor, Gyatso³⁷ ressalta que quando um ator deseja e realiza o bem aos outros seres, este indivíduo também está praticando o bem para si mesmo. Gyatso³⁸ explica que “ajudar os outros é o verdadeiro propósito da vida”, e também respalda que quando se pratica esse ato, o ator praticante fica muito satisfeito, e a pessoa que recebeu essa ajuda é beneficiada. Deve-se, segundo Gyatso³⁹, valorizar mais os outros do que a si próprio, pois a raiz da felicidade é o altruísmo. Em suma, pode-se estender esse idealismo budista não apenas para outros seres, mas para todos os seres vivos, para o meio ambiente como um todo, ou seja, colocar o “bem ambiental” antes do nosso próprio bem. Isso implica em mudar a frase de Gyatso⁴⁰, ou seja, em vez de “ajudar os outros é o verdadeiro propósito da vida”, mudar para “proteger o meio ambiente é o verdadeiro propósito da vida”, pois como nos ensina Gonçalves⁴¹, o homem é a natureza que tomou consciência de si, ou seja, o homem também é o meio ambiente.

A preocupação com as gerações atuais bem como com as gerações futuras é uma das mais marcantes características do ecodesenvolvimento. Esse duplo imperativo ético da solidariedade para com as gerações possui forte vínculo com questões socioambientais, em outras palavras, os recursos naturais devem ser perpetuados para que as próximas gerações possam usufruir dos mesmos, sendo então uma responsabilidade desta geração preservar os bens naturais e conservar o meio ambiente⁴².

Com reflexão similar, Gyatso esclarece que o sucesso ou o fracasso da humanidade depende da atual geração. Se esta não usar suas capacidades intelectuais e assumir a responsabilidade com relação ao futuro da humanidade, estaremos condenados ao fracasso. Essa

³⁵ LEIS, 1999, p. 02.

³⁶ LEIS, H. R. Uma viagem interdisciplinar ao lado oculto da problemática ambiental na modernidade. *Revista Internacional Interdisciplinar- Interthesis*. Florianópolis, V.7, n.02, p. 19-44, jul/dez.2010. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2010v7n2p19>> Acesso em: 23 jul. 2016.

³⁷ GYATSO, 2001.

³⁸ GYATSO, 2002, p. 108.

³⁹ GYATSO, 2002.

⁴⁰ GYATSO, 2002.

⁴¹ GONÇALVES, C. W. P. *Os (Des)caminhos do Meio Ambiente*. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2001.

⁴² SACHS, 2004.

responsabilidade individual pode provir da mudança genuína dentro do indivíduo, algo que o budismo tibetano pode oferecer. Além disso, Gyatso⁴³ frisa que é responsabilidade dos pais criar seus filhos de forma com que estes se tornem bons seres humanos. Essa ideia em aliança com o tema ambiental será proveitosa, pois além dos pais criarem filhos que se tornarão boas pessoas, estes mesmos filhos também serão cidadãos que se preocupam com o meio ambiente.

Muitos pesquisadores do tema ambiental criticam o caráter selvagem do capitalismo em relação às questões econômicas e sociais. Essas críticas se referem principalmente às desigualdades socioeconômicas geradas pelo sistema. Gyatso⁴⁴ parte do pressuposto da igualdade e de se colocar no lugar do outro. Para este autor, estas duas ações se praticadas evitariam muitos problemas sociais que existe na modernidade. Mas além de evitar problemas sociais, este tipo de atitude diminuiria, os problemas ambientais existentes.

O ecodesenvolvimento propõe um estilo de desenvolvimento alternativo ao do desenvolvimento gerado pelo capitalismo. Este modelo dá importância à questões socioambientais, em outras palavras, ele deve ser ecologicamente prudente, economicamente viável e socialmente desejável⁴⁵. Para isso deve se adequar às eco-regiões respeitando as culturas locais. Nesse sentido, Gyatso⁴⁶ explicita que inicialmente o Budismo possuía muitos caracteres indianos, pois o mesmo surgiu na Índia. Mas conforme o budismo chegou a outros países, “casou-se” com as culturas locais, tornando-se o budismo tibetano, chinês, etc. Com esse exemplo do budismo e sua adaptação com diversas culturas, entende-se também que o mesmo pode acontecer com o ecodesenvolvimento.

Finalizando a contribuição do budismo tibetano em relação à problema socioambiental, Gyatso⁴⁷ enfatiza que é extremamente importante que os ensinamentos do Budismo sejam colocados em prática para não ficarem apenas presos em teorias. Assim também deve-se proceder com os saberes socioambientais tão importantes para a conservação do planeta e conseqüentemente dos seres que nele vivem.

Considerações finais

Este artigo buscou destacar conexões e contribuições entre a doutrina budista e o pensamento ambiental. Conforme exposto no trabalho, as reflexões concebidas entre os dois temas

⁴³ GYATSO, 2002.

⁴⁴ GYATSO, 2002.

⁴⁵ SACHS, I. *Ecodesenvolvimeto*: crescer sem destruir. São Paulo, Editora Vértice, 1986. 207p.

⁴⁶ GYATSO, 2002.

⁴⁷ GYATSO, 2002.

propiciam pensar questões socioambientais de uma forma diferente, abrindo novos horizontes e até mesmo suscitando novos questionamentos e saberes.

Em resumo, defende-se que o Budismo Tibetano pode trazer uma imensa contribuição para melhor se pensar e refletir temáticas ambientais e sociais. Serão a partir destes questionamentos e reflexões, que novos princípios podem ser encontrados e inseridos na modernidade.

Os subsídios oferecidos pelo Budismo à temática ambiental, bem como também as conexões, questionamentos e reflexões despertadas no trabalho, evidenciam que essas abordagens podem ser trabalhadas simultaneamente em benefício da sociedade e da natureza.

Referências

BECK, U. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo. Editora 34. 2011. 2. ed. 384p.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (Des)caminhos do Meio Ambiente*. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2001.

GYATSO, T. *O Mundo do Budismo Tibetano: uma visão geral de sua filosofia e prática*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2001. 270p.

GYATSO, T. *Dalai Lama: sobre o budismo e a paz de espírito*. Rio de Janeiro. Nova Era. 2002. 300p.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, completo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. V 31. n. 02, p. 233-250. Maio/ago. 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>> Acesso em: 24 de maio. 2016.

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental, e Diálogos de saberes. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, V 34. n.03, p. 17-23. Set/dez.2009. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9515/6720>> Acesso em: 22 maio. 2016.

LEIS. H. R. *A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. 3. ed. São Paulo. Annablume, 2014. 238p.

LEIS. H. R. Uma viagem interdisciplinar ao lado oculto da problemática ambiental na modernidade. *Revista Internacional Interdisciplinar- Interthesis*. Florianópolis, V.7, n.02, p. 19-44, jul/dez.2010. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2010v7n2p19>> Acesso em: 23 jul. 2016.

LEIS. H. R. Meio Ambiente, ética e religião na sociedade contemporânea. *Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente*. Porto Velho, V.03, n.15, p.01-12. 1999. Disponível em:<http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/15hectorricardoleis_meioambienteeticaereligiaonasociedadecontemporanea.pdf> Acesso em: 22 jul. 2016.

PERRY SCHMIDT-LEUKEL. Facetas da relação entre budismo e hinduísmo. *Revista de Estudos da Religião*. p. 149-156. Set. 2007. Entrevista concedida a Frank Usarski.

REDYSON, D. Budismo: Da Índia para o mundo. O Buddha, o dharmae a sangha. *Revista de estudos da religião*. V, 14. n.01.jan/jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/20284/15060>> Acesso em: 23 maio. 2016.

SACHS, I. *Desenvolvimento Includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro. Garamond, 2004. 151 p.

SACHS, I. *Ecodesenvolvimeto: crescer sem destruir*. São Paulo, Editora Vértice, 1986. 207p.

SCHMIDT-LEUKEL, P. Facetas da relação entre Budismo e Hinduísmo. Entrevista a Frank Usarski Tradução de Carlos Roberto Sendas Ribeiro. *Revista de Estudos da Religião*, setembro / 2007 / pp. 149-156. Disponível em:< http://www.pucsp.br/rever/rv3_2007/f_usarski2.pdf> Acesso em: 22 jul. 2016.

SIQUEIRA, J. C. *Ética e Meio Ambiente*. 2°. ed. São Paulo. Loyola. 2002.

VIEIRA, P. H. F. Do Desenvolvimento local ao Ecodesenvolvimento territorial. *Interthesis*. Florianópolis. v. 10. n. 02. p. 119-141, out/nov. 2013. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n2p119>> Acesso em: 5 mar. 2016.